



Entrevista PSD1: Carlos Coelho (3764 palavras)

Lisboa, 10 de Fevereiro de 2012, 15h, Jean Monnet. Duração: 50 minutos Entrevista conduzida por Filipa Raimundo, PhD (filipa.raimundo@eui.eu)

Carlos Coelho iniciou a sua atividade política na JSD. Ingressou no PSD no dia em que completou 18 anos. Foi deputado pela primeira vez em 1980 e desde 1982 foi eleito por diversas vezes para o parlamento nacional. Foi candidato ao parlamento europeu em 1989, em 10^o lugar da lista do PSD. Foi o primeiro a ficar de fora. Com a saída de Virgílio Pereira em 1994, dá-se a sua estreia do PE, como substituto, por um período de seis meses.¹ Em 1994 é novamente candidato, desta vez como 11^o da lista. Fica novamente de fora. Volta a entrar como deputado substituto em 1998, com a saída de António Capucho, Desde 1999, e por três eleições consecutivas (1999, 2004, 2009] tem sido eleito e exercido até à data todos os mandatos na totalidade.

Recrutamento:

Como é que chegou a candidato ao PE em 1989?

A JSD tinha na altura uma grande influência dentro do PSD e tinha o direito de apontar um candidato. Eu fui indicado pela JSD. Havia a sensibilidade de que grande parte das grandes questões que interessavam aos jovens passava cada vez mais por Bruxelas e que a dimensão europeia tinha deixado de ser uma dimensão internacional para passar a fazer parte da política interna. Nesse sentido, a afirmação política da JSD não se podia fazer apenas no parlamento nacional, tinha que ser também no europeu, e eu fui o candidato escolhido.

Auto-valorização:

De que forma é que acha que a sua formação e a sua experiência contribuíram para ser candidato ao PE?

Eu tinha muita experiência no parlamento nacional, tinha um bom conhecimento do processo legislativo e das questões que interessavam ao país. No entanto, devo confessar que na primeira vez que fui para o PE, apercebi-me das grandes diferenças entre o PE e o parlamento nacional, Senti-me um debutante.

Que tipo de diferenças?

De todo o tipo. Desde logo, no acesso à informação. Aqui, um deputado tinha que lutar para conseguir informação, lá o deputado é bombardeado com informação. O problema deixou de ser conseguir a informação mas antes fazey a triagem dê tudo O que chegava e distinguir o essencial do assessorio. Em segundo lugar, o apoio ao deputado em Portugal é muito limitado, Em Bruxelas, nós temos apoio a três níveis: no gabinete em Bruxelas (pessoas nomeadas por mim), no grupo político, e na comissão parlamentar. Por último, em Bruxelas é possível intervir em dossiês que não chegam a

i:■ relevância europeia e internacional Um exemplo foi a minha participação na Comissão Especial do caso ECHELON, a que eu presidi, que reunia os Estados Unidos, o Canadá, o Reino Unido, Austrália e Nova Zelândia. Em Portugal ninguém sabia sequer o que isto erà. Outro exemplo foi a minha participação na Comissão temporária sobre a CIA, que envolveu idas

a Washington, análise de documentação de peritos, identificação de documentos secretos, que jamais passariam pelo parlamento português. Portanto, há uma dimensão de intervenção que não tem comparação.

Olhando para trás, acha que houve algum aspeto da sua formação e experiência que lhe fez falta para desempenhar melhor as suas funções enquanto deputado ao PE?

Talvez saber falar alemão. Eu falo as três línguas consideradas *standard* para um português: o inglês, o francês e o espanhol, mas não falo alemão.

Em que é que o alemão teria facilitado o seu trabalho?

Nas reuniões formais nós temos tradução, mas nas reuniões informais é necessário estabelecer canais de comunicação. As conversas de corredor por vezes são tão ou mais importantes do que as reuniões formais. Nas conversas formais as pessoas muitas vezes funcionam coma atores; nas conversas informais as pessoas tendem a ser mais sinceras,

Refere-se ao alemão pensando na atualidade ou sempre sentiu isso?

Sempre o senti. Os ingleses de uma forma geral só falam inglês, os franceses só falam francês, e os espanhóis só falam espanhol. Mas eu aí não me queixo. Mas quando os alemães só falam alemão, aí falta uma língua comum. Não é a mesma coisa ter um tradutor ao lado para fazer a intermediação da conversa. Este tipo de conversas requerem uma reação instantânea.

Dou-lhe um exemplo da relevância destas conversas informais. Uma vez uma informação confidencial da diplomacia espanhola sobre um relatório meu foi enviada aos deputados espanhóis e houve um deputado espanhol amigo que me veio dizer o que se passava e isso foi útil porque me deu a hipótese de corrigir a interpretação errada sobre o conteúdo do meu relatório, e sobretudo sobre as minhas intenções. Sem trair a confiança, eu pude ter uma conversa com o Embaixador espanhol a esclarecer a situação, que de facto ficdu resolvida. De outra forma, poderíamos ter tido um choque ibérico.

E quando fala do alemão é porque tem mais interesse em ter conversas informais com os alemães do que com os deputados de outras nacionalidade cujas línguas também não domina?

Não, mas é verdade que as nações mais fortes são as que resistem mais a falar outras línguas. As nações mais fortes são a Espanha, a Itália, a França, a Inglaterra e a Alemanha. Destes todos, eu só não consigo perceber nada dos alemães.

Visão sobre o funcionamento do parlamento:

Dedicação e importância do parlamento:

Como é que descreveria um mês 'normal' no PE?

Como sabe o trabalho do PE está organizado por semanas. Um mês típico inclui: duas semanas de trabalho de comissão, uma semana junto do grupo político e uma semana em Estrasburgo. As semanas de Estrasburgo são completamente anómalas. As sessões começam às 9 da manhã e podem terminar à meia-noite. Eu habitualmente saio do hotel às 7h30 da manhã e passo o dia todo no



parlamento. Temos lá restaurante, salas de reunião, salas de vídeo-conferência, gabinetes próprios. Acaba por ser uma semana um pouco estúpida [sic], porque estamos fechados o dia todo. Os dias são passados a correr, porque há muitas reuniões, ainda que a sensação seja de pouca produtividade. Isto tem a ver com o facto de termos de repetir a mesma conversa com vários interlocutores. Por exemplo, se eu estou a defender um relatório meu, tenho que ir reunir com os deputados da comissão que são do meu grupo, com o meu grupo alargado, com os deputados da comissão dos outros partidos, com os shadow rapporteur, e ainda posso ter que dar uma conferência de imprensa e falar no plenário. Na prática, tenho que fazer o mesmo discurso várias vezes para procurar o apoio e o compromisso para fazer passar o meu relatório.

Em Bruxelas, boa parte do tempo é passada a responder aos contactos feitos pelos cidadãos (através do site, do email, e das redes sociais). A quantidade de emails que se recebe é inacreditável, em muitos casos são petições em que um grupo de pessoas faz pressão por um determinado assunto. Isto cria uma pressão muito grande e consome muito tempo. Depois, recebemos muitas pessoas: cidadãos portugueses que visitam o parlamento e pedem para serem recebidos; funcionários das outras instituições (do Conselho e da Comissão) das áreas que eu cubro e que querem falar comigo porque eu tenho informação ou opinião, ou porque posso influenciar, ou mesmo porque sou relator; pessoal diplomático da nossa representação permanente que quer articular comigo abordagens em temas dos assuntos internos; pessoal diplomático de outras etnbaixadas, que querem também fazer pressão para a posição dos seus países em determinadas matérias.

Depois há muitas pessoas, entre colegas que pedem para serem recebidos para trocar opiniões ou expor a posição que assumem sobre determinadas matérias. Finalmente, ainda há a articulação com os colegas dentro da delegação partidária do PSD ou dentro do grupo dos deputados portugueses, se houver assuntos de relevância nacional que tenhamos que articular com os outros.

Entre os deputados do mesmo grupo político, os deputados do PSD e os deputados portugueses dos vários grupos políticos, com quem é que se encontra com maior frequência?

Com quem tenho mais reuniões, pela natureza do trabalho legislativo, é com os deputados da minha comissão, do PPE. Reúno praticamente todas as semanas com eles. Para além disso, posso ter reuniões com deputados de todas as bancadas - geralmente uma vez por mês - sobre as matérias em que sou relator ou que sou relator sombra, para articular posições em determinados dossiês. A última reunião desse género foi sobre um relatório em que eu sou relator sobre o novo sistema de avaliação de Schengen, em que eu chamei os relatores sombra para desenvolver uma iniciativa de pressão sobre a Presidência Dinamarquesa e articular com eles para que eles não soubessem pelos jornais e soubessem através de mim e fossem solidários no sentido de me dar apoio. Em termos de contactos informais, isso acaba por acontecer mais com os portugueses, até porque estamos no mesmo corredor.

O que é mais excepcional é o encontro com outros deputados portugueses eleitos pelos outros partidos então?

Reuniões formais não é comum, embora tenhamos uma relação muito boa. Trocamos informação via telefone ou por email quando há questões de interesse nacional. Se por exemplo na minha comissão houver alguma discussão que interesse a Portugal eu aviso sempre os meus colegas no sentido de votarmos todos da mesma forma. Em muitas matérias é muito comum verificar-se um alinhamento da esquerda à direita, do CDS/PP até ao PCP. Isto quer dizer que há menos conflito interpartidário no parlamento europeu.

Disciplina de grupo, interesses nacionais ou interesses pessoais?:

E têm surgido com frequência temas de interesse nacional?

Todas as matérias de natureza económica, que têm a ver com o Fundo de Coesão, com a Mobilização do Fundo de Emergência, com políticas estruturais, com o quadro comunitário de apoio, com o orçamento comunitário, com as pescas, com a agricultura, geralmente os deputados votam no mesmo sentido. Por acaso recentemente numa votação sobre o acordo com Marrocos a propósito das pescas, o PCP (e acho que o BE também) votou de forma diferente, por razões ideológicas. Mas de uma forma geral, os portugueses votam sempre do mesmo lado.

É fácil chegar a esse consenso?

Sim, é fácil. Em matérias mais ideológicas, que têm a ver normalmente com política externa e cooperação internacional, interação com países terceiros, isso já não é tão fácil e é normal que haja diferenças.

E quando esse consenso é difícil, há algum tipo de negociação para convencer as partes?

Há, mas essa negociação passa-se entre grupos. Quando não são questões, típicas do interesse nacional é normal que os deputados portugueses alinhem com as posições dos respetivos grupos. Mas nem sempre e assim, há deputados que fogem à disciplina. Eu próprio já tenho fugido, como no relatório da C1A, em que eu votei a favor e o meu grupo votou contra.

Nesse caso foi porque a sua opinião pessoal divergia?

Sim, porque achei que houve claramente violação dos direitos humanos e discordei da abordagem que o PPE assumiu nessa matéria. Eu fui presidente da comissão, fui testemunha qualificada de muitos documentos e relatos que nos fizeram e portanto ninguém me convenceu que se tratava de uma invenção.

Tem memórias de outras situações em que tenha fugido à disciplina do grupo político?

Tenho. Por exemplo, no acordo SWIFT, eu abstei-me durante o último acordo e o PPE votou a favor, tal como os liberais. Eu abstei-me porque, sendo melhor do que a primeira negociação, ainda não estava convencido que respeitasse a legislação europeia na área da proteção de dados. Há sempre áreas em que, quer eu quer outros deputados, se discordamos do alinhamento do nosso grupo, votamos de forma diferente.



Mas quando isso sucede tem mais que ver com uma opinião pessoal ou com outros aspectos tal como o interesse nacional?

Quando os deputados discordam da opinião do seu grupo, é normal que tentem convencer os restantes elementos do seu ponto de vista, mas se isso não for possível, então seguem a sua própria sensibilidade. Isso sucede com deputados que trabalharam diretamente nos dossiês e acabam por ter fortes opiniões em relação aos temas em questão, e por isso acabam por votar de forma um pouco individual

Mas diria que de forma geral o que se sobrepõe é a posição assumida pelo grupo político ou os interesses nacionais, ou varia consoante o tema em questão?

Varia bastante. De uma forma geral - há aliás um estudo já feito nesse sentido - analisados os sentidos de voto de todos os deputados, parece que a pertença nacional é mais relevante do que a pertença política. Ou seja, os estudos existentes concluem que, dentro do parlamento europeu como um todo, o interesse nacional tende a prevalecer sobre a disciplina dos grupos políticos. No caso dos portugueses isso é evidente.

Comissões:

Em relação ao trabalho de comissão, nas duas primeiras vezes que foi para o parlamento, foi como substituto. Assumiu diretamente as pastas anteriormente assumidas pelos deputados que saíram. Qual é o procedimento normal nesses casos? Os deputados substituídos assumem sempre as pastas dos seus antecessores?

Em 1998 fui vice-presidente da REGI, estive na comissão de Assuntos Institucionais e desde aí sempre na LIBE. É possível mudar de comissão, mas isso é muito difícil. Isto porque os lugares nas comissões são divididos entre os grupos políticos, e depois pelas delegações nacionais. Como há 27 Estados Membros no PPE, já não dá 1 por país.. Portanto os lugares de efetivos e suplentes têm que ser divididos por todos, sendo que há casos de países que têm mais do que um membro nalgumas comissões e alguns que não têm nenhum. Isso tende a cristalizar. É possível fazer uma troca por troca, mas geralmente ninguém quer trocar. Só querem trocar aqueles que ficam em! comissões sem nenhum interesse. É preciso um deputado ter um interesse muito específico numa comissão para estar disposto a sair de uma comissão de elevada importância. Ninguém quer trocar carne por batatas.

Quando foi eleito pela primeira vez foi para a LIBE, da qual não saiu até hoje. Foi a sua primeira escolha?

Foi. Era uma comissão que congregava a questão da segurança, da justiça e dos cidadãos. Na altura eu já estava a investir muito na questão da cidadania europeia, que para mim é das ideias mais importantes para que não nos esqueçamos que a Europa não é a Europa dos mercados e das mercadorias e dos capitais, mas a Europa das pessoas e dos cidadãos. Portanto eu queria investir nessa área. Ainda durante o primeiro mandato, por volta de 2001, comecei a ficar relator das matérias Schengen e desde essa altura sou considerado o senhor Schengen porque todas as matérias são relatadas por mim ou tiveram-me como

relator sombra nos casos em que o lugar de relator calha noutra grupo político. Isto inclui tudo o que tenha a ver com a livre circulação e com as fronteiras.

Os governos tendem a dar importância às questões de 'interesse nacional' que passam pelo PE, independente do partido que está no governo?

Sim, a REPER faz esse serviço. Há uma diplomata que mantém o contacto com os deputados e que nos diz quando há um interesse especial de Portugal num determinado dossiê. Essa informação passa, ainda que nem sempre chegue a tempo, porque a burocracia portuguesa é um bocadinho lenta, mas de uma forma geral essa ligação funciona melhor hoje do que funcionava em anos anteriores. Ano a ano nota-se uma melhoria. Isso acontece por vários motivos. Primeiro, porque o parlamento europeu é hoje mais importante do que era há uns anos e por isso a REPER percebe que há coisas que não consegue fazer passar no Conselho e que se calhar os nossos deputados conseguem fazer passar no parlamento. Portanto, o interesse de Portugal pode não passar num lado mas passar no outro, há muitas matérias em que isso é relativamente evidente, sobretudo nas áreas económicas. Em segundo lugar, há a concorrência das outras REPERs. É embaraçoso para um diplomata português que um deputado português que seja relator numa matéria tenha mais informação dentro do Conselho através de outra Embaixada do que da Embaixada portuguesa. Criou-se uma competição entre as REPERs, porque evidentemente quem dá uma informação quer alguma coisa em troca; se um diplomata dá uma informação privilegiada está à espera de alguma coisa em troca.

Atualmente, somos mais ou menos capazes de influenciar o processo decisório do que éramos há uns anos?

Somos menos, mas não somos só nós, são todos. Quanto mais países estão à volta da mesa, mais difícil é para um país, porque tem que dialogar com mais gente. Quando éramos 12 países, tudo era mais fácil. Pior do que no PE, em que mesma assim conseguimos manter as networks a funcionar, é o Conselho. Se conversar por exemplo com o professor João de Deus Pinheiro, um homem particularmente inteligente e que fez o triângulo institucional: foi Comissário Europeu, foi Presidente do Conselho (ele era Ministro dos Negócios Estrangeiros da primeira vez que Portugal teve a presidência] e deputado (1º vice-presidente do PPE), ele dir-lhe-á qual é a diferença entre estar a 12 e a 27. Pense por exemplo que no Conselho, em dia nas reuniões, as pessoas não se conseguem ver diretamente* tem que ser através de um ecrã de televisão, para saberem quem é que está a falar, portanto, já nem no Conselho o contacto é mano a mano e isso é terrível para afirmar o interesse de cada interlocutor, porque toma tudo muito formal, às pessoas fazem discursos de circunstância, parece uma reunião protocolar. Daí que as conversas informais sejam muito mais importantes. Veja o caso do Ministro das Finanças português com o Ministro Alemão. A situação foi chata, mas este é o tipo de coisas que acontece, e estas conversas são muito mais importantes do que o resto. O Ministro Alemão, na reunião oficial nunca diria uma coisa destas.

Nesse sentido diria que a personalidade do deputado é relevante para a importância que consegue ter?

Sim, é verdade. Há pessoas mais simpáticas do que outras, há pessoas com capacidades de comunicação e outras não, há pessoas que não falam outras línguas e que têm a capacidade de interagir mais limitadas. Mas neste tipo de cargos as pessoas têm que ter certas skills. Se eu decidir apoiar os meus argumentos e não conversar com ninguém só por milagre e que vou conseguir fazer aprovar o meu relatório. Mesmo que as pessoas concordem com o ponto de vista, vão pensar que a pessoa é arrogante e rejeitam o relatório. Uma deputada radical alemã, mudou a equipa e a assistente principal dela foi pôr um café com a minha assistente para conhecer os parceiros e disse-lhe que a deputada lhe tinha dito que o que vinha de mim não era preciso ver com [muita atenção porque eu procuro sempre o melhor compromisso.

Tem alguma ideia do que se vê a fazer quando sair do parlamento?

Não, não penso nisso. A vida é cheia de imponderáveis, posso ser confrontado com um desafio que não possa recusar por isso não faço planos a longo prazo. A minha perspectiva é continuar a defender as causas em que acredito e continuar a fazer o melhor para o meu país, seja nesta função seja noutra, dependendo do que me for pedido e de aquilo que eu sentir que tenho capacidade para fazer. Quando uma pessoa se candidata a lugares eleitos não pode fazer programas a longo prazo porque tanto pode ganhar como perder. Também posso levar um chuto no sítio onde as costas mudam de nome.

Relação com o partido, o governo e o eleitorado: FALTOU

Nas deslocações que faz a Portugal, encontra-se com frequência com membros do PSD?

Venho todas as semanas e encontro-me sempre com eles, geralmente à sexta-feira. Geralmente à sexta-feira faço conferências em escolas e sábados faço contactos com colegas do partido. Domingo é um dia livre, ou não. No último Domingo, fui para Aveiro fazer uma intervenção numa ação partidária. Os fins-de-semana são sempre momentos de trabalho, quer seja para dar conferências ou responder a pedidos de jornalistas e investigadores.

E costuma vir com frequência ao Jean Monnet?

Sim, passo, desde que não tenha conferências em escolas.

Considera que há uma boa articulação com o governo e com o parlamento?

Não. Acho que é verdadeiramente insuficiente em comparação com o que vejo acontecer com colegas de outros países. Há muito mais 'netWorking' noutras nacionalidades. O parlamento português tinha até há pouco tempo uma relação formal connosco. Recordo das presidências do Jaime Gama e antes dele com o Mota Amaral em que houve reuniões com deputados europeus na comissão de Assuntos Europeus, mas uma coisa muito formal, com discursos de circunstância, muita solenidade mas pouca eficácia. Nesta legislatura, vejo que os deputados estão a seguir uma abordagem que me parece bem mais corretá, de análise dos problemas em concreto pela comissão de Assuntos Europeus, a comissão tem estado a pegar em dossiês que têm interesse para Portugal e faz audições conjuntas com a comissão de especialidade e chama os deputados que são responsáveis da matéria. O deputado Capoulas Santos veio cá falar da PAÇ, eu



vim falar do sistema Schengen. A minha reunião correu muito bejn; foi pena não terem estado presentes mais deputados do PS, mas tinham um problema interno e muitos estavam numa reunião do grupo parlamentar na mesma hora. Em todo o caso, não acredito que sobre esta matéria não houvesse acordo com os deputados socialistas. Nessas audições é possível trabalhar em iconcreto sobre várias matérias. I De uma forma geral, com os governos não há canais de comunicação muito regulares, vejo mais regularidade nos contactos entre deputados de outros países e os seus respetivos governos. É verdade também que apesar de tudo há contactos pessoais que às vezes ultrapassam os contactos formais. Eu quando tive um problema com as questões de Schengen eu contactei diretamente o então Ministro António Costa e com o secretário de Estado José Magalhães (com quem tenho relações pessoais de amizade) e o mesmo poderá voltar a acontecer hoje em que eu falarei com o Ministro Miguel Macedo de quem sou amigo pessoal. São relações pessoais, porque as institucionais na realidade não funcionam. Eu por exemplo nunca tive uma reunião de trabalho com o atual secretário de Estado dos Assuntos Europeus. Ele foi a Bruxelas uma vez falar corri os deputados europeus sobre matérias relacionadas com os recursos financeiros, que não é a minha área, o Ministros do Negócios Estrangeiros foi uma vez^ numa ocasião protocolar, num jantar oferecido pelo nosso Embaixador. É : certo que são momento interessantes mas a relação deveria de ser mais fluída | e mais próxima e não é.

FIM